

RESUMO DA REPORTAGEM

Alunas: Larissa Burchard e Louise da Campo

Professora: Adriana Duval

Universidade Federal do Pampa, São Borja/RS

Outubro/2016

Nossa prospecção pelas cidades fronteiriças de São Borja (RS, Brasil) e Santo Tomé (CO, Argentina) começou com as informações de São Borja, onde fomos atendidos pela diretora da Vigilância Sanitária, por uma agente operacional de saúde e uma enfermeira. Elas falaram sobre a prevenção do vírus e a situação da cidade.

Já em Santo Tomé recorremos a conhecidos nossos (Susy e Daniel) para termos acesso aos lugares, que até então desconhecíamos. Em 23 de agosto atravessamos a fronteira, pela Ponte Internacional, e seguimos de carro por áreas de chão batido, algumas com apelo turístico e outras mais afastadas, de moradias simples. A primeira personagem foi Merlo, que pescava em um local tranquilo. Seu depoimento despreocupado com os riscos do mosquito nos fez suspeitar na falta de informação à população sobre o assunto.

Essa suspeita foi reforçada ao chegarmos na chácara de Maxima e, a olho nu, verificamos o perigo em vários pontos da propriedade. Ela confessou que não sabe dizer sobre o Zika vírus e seus riscos. Em seguida recorremos ao titular da Defesa Civil em Santo Tomé, que atua no combate ao *Aedes Aegypti*. Ele comentou sobre o tema e nos apresentou às biólogas do Instituto Universitario de Ciencias de la Salud Fundación Barceló, que mantêm pesquisas frequentes para o monitoramento do mosquito.

A saída a campo em São Borja, aconteceu em 27 de agosto. Como na cidade vizinha, tínhamos a meta de entrevistar mulheres que revelassem de que modo estão expostas ao risco do vírus Zika. Diferentemente de Santo Tomé, algumas não quiseram dar entrevista. Roseni e Rosângela foram as que conseguimos após várias abordagens. Elas mostraram certo conhecimento, mas revelaram que não temem por sua saúde – e sim a dos filhos –, o que denota carência de informações específicas sobre o risco às mulheres.

Sentimos necessidade de uma declaração oficial de Santo Tomé, da Saúde, e para lá retornamos em 13 de outubro. Agora sem nossos conhecidos, fomos direto à Intendência (prefeitura) e depois ao Centro Integrado Comunitário (CIC). No CIC vimos,

pela primeira vez, um cartaz de campanha contra o mosquito, com referência ao Zika. Procuramos o Secretário de Saúde e Meio Ambiente, no hospital do município, que nos contou sobre o trabalho da “Comissão de Luta as Doenças Emergentes e Reemergentes” e seu papel na prevenção das ocorrências de Zika.

Constatamos a existência de uma diferença na lógica de prevenção da doença. Em São Borja, o trabalho é para evitar a criação de focos; em Santo Tomé, é direcionado ao monitoramento dos mosquitos para a verificação da presença do *Aedes Aegypti*. Na região ribeirinha de ambas as cidades, as mulheres não estão bem informadas sobre os riscos em caso de infecção.

Quanto à redação, iniciamos com uma abordagem sobre a fronteira e a cultura ligada ao rio. Inserimos um intertítulo (Cotidiano) para a condução dos cases. Em duas retrancas (São Borja e Santo Tomé) apresentamos esses locais e as informações coletadas junto às autoridades e aos profissionais da saúde. Como ainda não foi confirmado caso da doença nessas cidades, abordamos o assunto com a prospecção do comportamento das ribeirinhas e a posição das autoridades para evitar a doença.